

A Escola Livre de Teatro e *O alfabeto pegou fogo*

Vilma Campos dos Santos Leite

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Palavras chave : Formação Teatral; Pedagogia do Teatro; História do Teatro

Preâmbulo

“Certamente não existem considerações por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa entendê-las, capazes de suprimir, a particularidade do lugar”.

(CERTEAU 1982, p. 65)

Estou em uma fase inicial de estudo de doutoramento sobre a formação artística da Escola Livre de Teatro (ELT) de Santo André (SP). A instituição surge em 1990, como uma dentre as ações do plano de governo do prefeito Celso Daniel (PT) na cidade de Santo André (SP) na gestão 1988-1992.

A proposta de investigação da ELT foi acolhida no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Historiadores e pensadores que transitam pela História ensinam que certos vestígios como uma ilustração, uma notícia veiculada pela imprensa, um depoimento oral ou um produto artístico contém construção histórica.

A História tem dialogado desde o início do século XX com outras áreas afins como a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia, a Semiologia e a Psicologia e nos últimos trinta anos tem se destacado no diálogo com o campo do conhecimento artístico em linguagens como Dança, as Artes Visuais, a Música e o Teatro. Neste último, tem se destacado a análise histórica de textos dramáticos e de espetáculos.

Minha escolha por um processo de formação teatral tem a marca de quem acredita na possibilidade de apreensão da linguagem que a opção por uma construção espetacular em específico talvez limitasse.

É impossível reconstruir o passado como diz Foucault. Ao buscar um estudo sobre a ELT, é possível uma escrita, uma elaboração, uma leitura. Estarei trazendo à tona uma entre as narrativas possíveis e enunciando uma interpretação que assim como os vestígios não são inocentes e estão permeados de subjetividades.

Eu mesma fui aluna da ELT, de 1990-1992 no Núcleo de Formação de Ator e entre 1997-2000 no Núcleo de Dramaturgia e de Direção Teatral. Esse fato traz elementos que de um lado facilitam e de outro dificultam a pesquisa. Possuo anotações, imagens, história de vida e memórias sobre o período, mas ao mesmo tempo em que não devo passar por cima delas, preciso estar alerta para não homogeneizar a análise.

Muitas decisões ainda estão por serem tomadas como a periodização dessa trama. A Escola Livre de Teatro tem dezoito anos de existência e embora esteja contida na pequena duração, há elementos diacrônicos presentes. Meu interesse está localizado não só na “leitura” que se fez sobre a ELT, mas também na “feitura”, termos que tomo emprestado de Gombrich ao abordar os objetos culturais. Como emaranhar as vozes das práticas efetuadas dentro da ELT?

Algumas das entrevistas, por exemplo, que virão numa próxima fase, devem trazer à tona as memórias de profissionais da cena teatral que nela atuam ou atuaram. A voz dos alunos dos núcleos de estudo e turmas de formação de ator da ELT também se faz necessária, junto com a voz de gestores, funcionários e membros da classe artística.

Dos primeiros investimentos que já foram possíveis dentro do tema, seja na escrita do projeto ou na participação e apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos, destaco um primeiro levantamento: a) da inserção da formação teatral em instituições concebidas para tal, apesar da permanência da formação dentro dos coletivos, como os grupos teatrais b) pesquisas no Brasil que tomaram escolas de teatro como objeto c) um histórico do Teatro na cidade de Santo André e d) um primeiro exercício de leitura a partir de um dos capítulos do livro que seria publicado em 1993 e que se chamaria *O alfabeto pegou fogo*, ensino das artes em Santo André.

O alfabeto pegou fogo não chegou a ser impresso devido à mudança do executivo na cidade de Santo André, mas seu significado é fundamental para um mergulho na prática da ELT. Focalizo a seguir pequenos fragmentos dos enunciados presentes nesse projeto de publicação.

Breve sobrevôo: teatro em chamas

Na apresentação do volume *O alfabeto pegou fogo*, ensino das Artes em Santo André (mimeo, 1992, 103 páginas), Celso Frateschi – Secretário de Educação, Cultura e Esportes e Altair José Moreira - Diretor do Departamento de Cultura, destacam a necessidade de “*criar ilhas de desordem*” num país onde a cartilha que rege a cultura é o mercado, a centralização e a reprodução de modelos impostos pela indústria cultural. (p. 7)

A expressão *criar ilhas de desordem*, cunhada pelo dramaturgo Heiner Müller pode ser lida num primeiro momento, como valor que esses gestores atribuem à sua proposta cultural, ou um olhar sobre ela. Maria Tháís Lima Santos e Sérgio Ricardo de Carvalho que organizaram *O alfabeto pegou fogo* o dividiram em três capítulos, correspondentes a três espaços de formação artística daquele momento na Cidade de

Santo André: 1) Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA; 2) Casa do Olhar¹ e 3) Escola Livre de Teatro – ELT. Em cada um desses capítulos, as vozes que conceberam e que criaram o projeto em cada linguagem artística são apresentadas.

As instituições são frutos de uma mesma proposta de formação artística, queimando fogos sobre uma mesma cartilha, apesar das especificidades das linguagens. O título do compêndio traz ainda uma metalinguagem, uma vez que a enunciação não teve a circulação desejada por meio da impressão.

Parte do conteúdo do terceiro capítulo, no entanto, foi retomado posteriormente em *Os Caminhos da criação*, Escola Livre de Teatro, 2000 publicado como catálogo comemorativo dos 10 anos da Escola Livre de Teatro. No texto introdutório *Sob o signo da liberdade* (1990/1992) uma nota de rodapé:

Este texto introdutório fez parte do primeiro projeto de uma publicação sobre o ensino das artes em Santo André. Com a mudança no executivo municipal, em 1993, o projeto foi suspenso, assim como as atividades da Escola. Decidimos por preservar este texto e alguns depoimentos que virão a seguir (sempre identificados). São informações que não poderiam ser reproduzidas com o mesmo vigor, dado que nasceram no “calor da hora” do movimento de implantação da ELT.²

As três últimas linhas da citação anterior são particularmente instigantes num processo investigativo que tem a Escola Livre de Teatro (ELT) como lance inicial. Quando o texto menciona “o calor da hora” é possível perceber a efervescência presente na implantação e fazer uma associação entre essa temperatura e o próprio incêndio que a publicação *O alfabeto pegou fogo* sugere.

Há uma bandeira explícita “do livre” no nome da escola que vai além de uma não vinculação à matriz curricular do Ministério da Educação e Cultura. Livre não significa uma “ausência de concepção para a formação”, é o que vemos, por exemplo, no texto a seguir (p. 68 de *O alfabeto pegou fogo* e p. 56 de *Os caminhos da criação*):

O abcd do teatro

ELT

¹ Espaço de formação nas Artes Plásticas com atividades de desenho, pintura, história da arte, aquarela e performance.

² SANTO ANDRÉ, 2000, p.6

Escola. Escolho.
É possível ensinar teatro?
Aqui não se ensina, se encena, se assanha.
A experiência antes da informação.
O diálogo antes da afirmação.
A didática da dúvida.
A didática da tentativa e erro.
Adidatica. Ex-cola.
Não há professores nem alunos.
Não há diretoras nem secretárias da cultura.
HÁ ARTISTAS. A pedagogia do bê-a-bah!!!
A pedagogia da confusão, da infecção, do perigo!
Atrás-das-grades curriculares escapamos para o
Conflito, o choque, a comunhão e a transformação.
O terceiro, o quarto, o quinto teatro verus o teatro de quinta-feira O
ator total versus o ator profissional
ELT versus DRT
É preciso exterminar as Escolas de Teatro.
É preciso exterminar os Professores de Teatro.
É preciso exterminar os Alunos de Teatro.
ELT. DDT. TNT.³

O texto é assinado por Antônio Araújo que atuou de 1991 a 1992 e depois de 1998-2005⁴ na ELT. O poema é uma espécie de manifesto que radicaliza não só a prática artística do encenador dentro da ELT, mas também fora dela, como pode se verificar por meio de seus trabalhos com o Teatro da Vertigem, grupo paulista que faz a sua primeira produção em 1992 e que no decorrer de suas montagens tem realizado experiências estéticas ousadas, perpassando a apropriação de espaços urbanos que não foram especialmente construídos como edifício para o acontecimento teatral.

O jogo lúdico das palavras de Araújo transforma o texto em ato. É uma página da literatura que não se abstém da reflexão filosófica que está implícita nas entrelinhas e nas figuras, metáforas e analogias.

³ SANTO ANDRÉ, p. 1992, p.68

⁴ Segundo Curriculum Lattes na página do CNPQ.

Caminhos por trilhar!

O vôo rasteiro a partir de *O alfabeto pegou fogo* denuncia a necessidade de mergulho nos enunciados desse texto e também em outras construções escritas, iconográficas e também torna emergente a busca por narrativas orais daqueles que fizeram e fazem a ELT para a construção de um tecido. Qual o teatro que a ELT faz, por que se faz e para quem se faz. É o desafio que tenho pela frente.

Bibliografia

- ASLAN, O. *O ator no século XX*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984. 363 p.
- CERTEAU, M. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982. 345p.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Petrópolis, Centro do Livro Brasileiro, 1972, 260 p.
- GOMBRICH, E. H. Da representação à expressão in *Arte e ilusão* um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.381-417.
- RICOEUR, P. História/Epistemologia. Retorno sobre um itinerário in *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007 p.145-192;501-512.
- ROUBINE, J. J. *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1998. 237 p.
- SANTO ANDRÉ (SP) Secretaria da Cultura, Esporte e Lazer. *Os caminhos da criação: Escola Livre de Teatro, 10 anos*. Prefeitura de Santo André, Secretaria da Cultura, Esporte e Lazer – Santo André: Departamento de Cultura, 2000. 147p.
- SANTO ANDRÉ (SP) Secretaria da Cultura, Esporte e Lazer. *O alfabeto pegou fogo*. Ensino das artes em Santo André. 1992 (mimeo) 103 p.